

A GERAÇÃO DO DEMÔNIO: UM ESTUDO SOBRE AS ORIGENS DO IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA BAIANO

LA GENERACIÓN DEL DIABLO: UN ESTUDIO DE LOS ORÍGENES DE LO IMAGINARIO ANTICOMUNISTA EN BAHÍA

Muniz Ferreira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/munfer@terra.com.br

Resumo

Este texto discute a postura frente a uma possível *ameaça* representada pela ampliação do ativismo e/ou da influência dos comunistas brasileiros, em particular, pretende focar os primórdios da construção de uma questão comunista na Bahia, tendo como viés analítico a construção histórica de um imaginário social acerca destes atores sócio-políticos.

Palavras-chave: Imaginario social. Anticomunismo. Ideologia.

Resumen

En este artículo se discute la postura frente a una posible amenaza representada por la expansión del activismo y / o la influencia de los comunistas brasileños, en particular tiene la intención de centrarse en los inicios de la construcción de una cuestión comunista en Bahia, teniendo como sesgo analítico la construcción histórica de un imaginario social sobre estos actores socio-políticos.

Palabras-clave: Imaginario social. Anticomunismo. Ideología.

De acordo com o historiador britânico Eric J. Hobsbawn, o século XX se desenvolveu à sombra do embate econômico, político e ideológico que contrapôs as forças do capitalismo ocidental e o sistema soviético. Ainda segundo aquele autor, tal contraposição balizou os próprios limites inicial e conclusivo do século e diferenciou sua extensão cronológica de sua

delimitação propriamente histórica. Versão novecentista da disputa sócio-política que, a partir da revolução francesa, opôs *direita* e *esquerda*, o conflito entre o movimento comunista e seus antagonistas contribuiu decisivamente para o delineamento do perfil da centúria recém encerrada. No curso de tal embate, a produção de um discurso e de um imaginário anticomunistas adquiriu um significado estruturante do ponto de vista da conservação e da estabilidade das sociedades do hemisfério ocidental. É na rejeição ao projeto comunista se reconfigurou o próprio sentido do conceito de *Ocidente*, particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial.

A sociedade brasileira não se manteve incólume aos efeitos da supra citada polarização político-ideológica, tampouco à disseminação global da ideologia e do discurso anticomunistas. *Anarquista* primeiro e *Comunista* depois se constituíram, através da locução hegemônica entre nós, em categorizações equivalentes a epítetos difamatórios tais como: *subversivo, desordeiro, inimigo da nação, anticristão, destruidor da família e liberticida*.

Em nome do enfrentamento da *ameaça* representada pela ampliação do ativismo e/ou da influência dos comunistas brasileiros efetivaram-se aqui duas dramáticas rupturas da legalidade institucional do país: o golpe que conduziu a implantação do *Estado Novo*, em 1937 e o movimento civil-militar de abril de 1964. Tais acontecimentos, responsáveis pelo desencadeamento dos processos mais profundos e duradouros de involução política, do ponto de vista da consolidação democrática, na história da república brasileira, ilustram por outro lado a centralidade adquirida também em nossa terra pela produção e difusão do imaginário anticomunista.

No que concerne à Bahia, o estágio de desenvolvimento dos estudos centrados na atuação político-cultural dos comunistas e no combate à sua influência mostra-se ainda bastante atrasado. Até o momento, nenhum trabalho acadêmico desenvolveu esta tematização em sua singularidade, embora momentos e aspectos de tal problemática tenham sido recuperados em pesquisas centradas em determinados componentes da vida político-social baiana, como os trabalhos de Miriam Freitas, Petilda Serva e Maria Victória Espinheira e mesmo em aspectos delimitados da atividade comunista como nas investigações de Sônia Serra e Albino Rubim. Estudos de qualidade e valor inquestionáveis, pontos de partida necessários para análises posteriores, os trabalhos mencionados não satisfazem, contudo, à demanda por uma avaliação histórica sistemática e processual da atuação política dos

comunistas no território baiano, menos ainda ao resgate da produção discursiva das forças que se opuseram a eles.

Este trabalho pretende focar os primórdios da construção de uma **questão comunista** na Bahia, tendo como viés analítico a construção histórica de um **imaginário social** acerca destes atores sócio-políticos. Seu ponto de partida cronológico será o ano de 1917, momento emblemático da história mundial, marcado pelo triunfo da revolução bolchevique de outubro na Rússia e suas repercussões internacionais. Foi na sequência deste acontecimento que, na sociedade brasileira, constituíram-se grupos de intelectuais e militantes políticos e sociais interessados ora na decifração do significado histórico e político daquele evento original, ora em extrair do mesmo ensinamentos necessários à implementação aqui de um movimento revolucionário de estilo semelhante. Conforme já demonstraram Moniz Bandeira, Clovis Mello e Astrogildo Pereira, a imprensa brasileira – tanto a chamada **grande imprensa** quanto a **imprensa operária** - não foi indiferente a outubro, tendo veiculado aqui reportagens, análises e controvérsias a seu respeito. Seria no bojo destas abordagens acerca do evento russo que se delineariam os primeiros contornos de uma representação acerca do *bolchevismo*, antecessor conceitual direto do *comunismo* na imprensa e no imaginário brasileiros. Este, por sua vez, enquanto nomenclatura de um movimento político em atuação no solo brasileiro teria sua utilização consolidada a partir do ano de 1922, data da fundação do Partido Comunista do Brasil (P.C.B.), expressão nacional da corrente política e organizativa inspirada e animada pelos comunistas/bolcheviques do país dos soviets.

Tendo consciência da existência de lacunas historiográficas tanto no que diz respeito a uma história dos comunistas na Bahia, quanto da luta contra o avanço da influência destes, o objeto desta investigação será o **processo de produção de um discurso e de uma ideologia anticomunistas no estado da Bahia entre os anos de 1917 e 1922.**

O silêncio sobre o anticomunismo baiano

Conquanto haja avançado significativamente na última década do século passado, o estudo acadêmico da experiência histórica dos comunistas em nosso país, pouco ou nada se produziu com relação ao exame de seu contraponto político e ideológico, o discurso anticomunista. Diluído na abordagem do papel desempenhado pelas forças de direita em nossa história, ou então no acompanhamento das polêmicas travadas pelos intelectuais e

publicistas comunistas com seus adversários e detratores, a produção do discurso e a produção do imaginário anticomunistas ainda estão por receber uma apreciação mais *específica*.

Tal lacuna se mostra incompatível com a importância que determinados militantes baianos desempenharam na história do PCB, bem como com a influência que certos comunistas exerceram sobre a história do Brasil e da própria Bahia. Foi na Bahia, como relata o memorialista João Falcão, que se iniciou o processo de reconstrução orgânica do Partido Comunista, desmantelado nacionalmente como consequência da repressão policial que se seguiu à “intentona” de 35 e ao golpe do Estado Novo. Em virtude desta circunstância, partiu também da Bahia o núcleo de dirigentes comunistas que haveria não apenas de ocupar um papel central na reorganização do partido, mas na própria liderança da agremiação durante as três décadas seguintes, o chamado “grupo baiano” (Carlos Marighella, Giocondo Dias, Jacob Gorender, Mario Alves, Armênio e Célio Guedes, dentre outros). Do PCB baiano sairiam ainda quadros que, após a ruptura com o “partidão”, exerceriam um papel fundamental na animação do movimento armado de resistência ao regime militar nos anos 60 e 70 como Maurício Grabois (fundador do PC do B), os já mencionados Jacob Gorender, Mario Alves (PCBR) e talvez, o mais influente de todos, o soteropolitano Carlos Marighella (ALN). Como baianos também eram Agildo Barata Ribeiro e Giocondo Gervasi Dias, líderes destacados da insurreição “comunista” de 1935 em Natal e no Rio de Janeiro, tendo sido o último, o quadro comunista que substituiria, no começo dos anos 80, o lendário secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, após a ruptura deste com a organização comunista. *Mutatis mutantis*, nas fileiras comunistas militaram também nomes de indiscutível densidade na cultura baiana do século XX como Edson Carneiro, Jorge Amado, Dorival Caymi e Luiz Henrique Dias Tavares. Considerando a permanente supremacia dos setores oligárquicos na sociedade e conservadores na política baiana ao longo do século XX, não parece despropositado imaginar que a intervenção dos comunistas na vida política e cultural do estado tenha sido confrontada com um esforço ainda maior, pelas elites baianas, no sentido de limitar o raio de atuação daqueles e restringir a influência de suas ideias. Empreendimento este que presumivelmente se materializou no curso da história em formas diferenciadas de manifestação, da repressão política à propaganda adversa, de interdições institucionais à guerra psicológica. Elenco tão significativo de processos e situações não justifica, pois, a indiferença historiográfica a que têm sido relegados até os dias de hoje a vida, a luta e os embates de ideias experimentados pelos comunistas baianos e seus adversários político-ideológicos.

A proto-história do anticomunismo baiano

A revolução bolchevique redefiniu os pilares sobre os quais a política do século XX fora assentada. A partir dela foi sendo forjada uma nova composição de forças no panorama político internacional que, de acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawn, marcou o século passado: “com a significativa exceção dos anos de 1933 a 1945, a política internacional de todo o breve século XX após a Revolução de Outubro pode ser mais bem entendida como uma luta secular de forças da velha ordem contra a revolução social”.

Se por um lado, a vitória dos bolcheviques aliada à destruição e crise provocadas pela guerra acendeu a esperança de que era possível um mundo alternativo ao caos que se vivenciava – trabalhadores de outros países europeus e sul-americanos passaram a se organizar e tentaram seguir o caminho trilhado pelos russos – por outro, ao longo deste duelo de titãs – representado pelo choque ideológico entre capitalismo e socialismo – foi sendo edificado um discurso anticomunista que, difundido no imaginário coletivo, reforçou-se de um significado legitimador de governos antidemocráticos em qualquer país.

Em relação à Bahia, parece óbvio, ainda que nenhum estudo tenha se dedicado a este tema, que não tivesse passado ilesa por tais acontecimentos, uma vez que a história brasileira comprova a existência de ação de lideranças baianas, tanto à esquerda como à direita, na cultura política do país.

Com base na leitura da obra “O Ano Vermelho – A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil”, de Moniz Bandeira, Clóvis Mello e AT. Andrade, foi possível verificar que, concomitante à Revolução de outubro, foi sendo traçado um esboço de discurso anticomunista, por meio de agências internacionais responsáveis pela elaboração de notícias sobre o acontecimento na Rússia e que, segundo os autores, funcionaram como “serviços de intriga e desinformação” ligados ao “capital financeiro internacional” (p.113).

Desta forma, o estudo sobre as origens de um imaginário anticomunista na Bahia, toma como fonte de pesquisa a produção dos jornais da grande imprensa baiana entre os anos que se seguem à repercussão internacional da revolução bolchevique e os efeitos dela advindos no cenário político da Bahia – tanto no que diz respeito às alterações verificadas no movimento operário local, quanto ao que se refere à criação de um novo arquétipo comunista

a ser destruído pelas classes conservadoras – a partir de novembro (pelo calendário gregoriano) de 1917 até o momento em que é declarado o Estado Novo, em 1937.

Soma-se à investigação das fontes primárias – os jornais – leituras de dissertações de mestrado de José Raimundo Fontes e Aldrin Castellucci, que contribuíram enormemente não apenas para a compreensão dos movimentos grevistas do início do século XX, mas fundamentalmente, no entendimento da singularidade que marca a relação trabalhador-governo-patrão na Bahia, mostrando suas causas e também suas consequências para as conquistas dos trabalhadores.

É de grande importância também a obra de Consuelo Novais Sampaio que trata dos partidos políticos baianos existentes no período delimitado pelo presente trabalho. A autora faz um estudo sobre os partidos e as principais facções formadas pelas oligarquias, revelando com isso os interesses e ações destas oligarquias, embora não dispense um estudo detalhado a cerca da fundação do PCB, em 1922, como foi feito com outros partidos como PRD, PRF, sem mencionar, inclusive, o surgimento do Partido Socialista em 1920 na Bahia.

Paralelamente foram lidas obras cujos temas direta e/ou indiretamente se relacionavam com o presente objeto de pesquisa, embora bordassem os assuntos em escala nacional, tais como, “A derrota da Dialética”, de Leandro Konder, “O PCB – 1922 a 1943”, de Edgard Carone e “Ensaio Histórico e Político”, de Astrojildo Pereira.

A Revolução de Fevereiro/Março de 1917 na Imprensa baiana

Nada pareceu menos surpreendente e inesperado que a revolução de março de 1917, que derrubou a monarquia russa e foi universalmente saudada por toda a opinião pública ocidental, com exceção dos mais empedernidos reacionários tradicionais. (HOBSBAWM)

De fato, a opinião pública em geral rapidamente aceita e reconhece o governo provisório que foi estabelecido na Rússia, tão logo ocorre a derrubada do czar Nicolau II, podendo ser verificado pelas notícias: “A Revolução na Rússia encontrou unidos o exército e o povo. A Duma dominou os reacionários, a burocracia foi vencida. Vitória das forças liberais. A Revolução é considerada um movimento antigermanófilo e antialémão” (A CIDADE, 19/03/1917), “O embaixador norte-americano (...) reconhece o governo provisório e felicita” (A CIDADE, 24/03/1917), “A Câmara (da Itália) saudou a Duma e desejou a consolidação das instituições liberais” (A CIDADE, 26/03/1917) e “O papa Bento XV

declarou estar satisfeito com a implantação na democracia na Rússia Ortodoxa” (A CIDADE, 15/05/1917).

Tal como Bandeira, Mello e Andrade demonstraram no “Ano Vermelho”, a maioria das informações sobre a Rússia era produzida por agências internacionais como Havas, Reuters, Associated Press, Americana, todas ligadas aos interesses norte-americanos e/ou europeus. Não surpreende que na Bahia as informações tivessem semelhante origem e, por conseguinte, tivessem os mesmos objetivos na sua difusão. No entanto, o que chama a atenção é que, apesar da revolução de março ter sido vista com bons olhos, paralelamente à sua aceitação houve indícios daquilo que ganharia forma posteriormente: o desenvolvimento de uma ideologia anticomunista na Bahia. Neste primeiro momento foi assim explicada a associação entre russos e agentes alemães: “(...) A Alemanha tinha seu principal sustentáculo na Rússia autocrata; esta desapareceu. Entre o povo e o exército existe um pequeno grupo, exportado pela Alemanha, imbuído de idéias anachistas” (A CIDADE, 28/03/1917). Daí por diante várias notícias mostrarão um teor similar. Veja como Lênin foi apresentado aos baianos:

Lênin, que se chama Oulianov, pertencendo à nobreza territorial russa, prega, desde os primeiros dias da Revolução, a guerra ao governo provisório e a fraternidade com a Alemanha, cujo dinheiro se move (...) Esse assalariado da Alemanha que a paz, propondo, para isso, armistício, que se está ajustando (A HORA, 11/12/1917).

A junção de russos e agentes alemães não foi feita única e exclusivamente na Bahia, uma vez que as notícias em geral eram as mesmas de qualquer jornal brasileiro. Astrojildo Pereira comentou: “Uma das teclas mais batidas pelas ilustríssimas gazetas do Rio, quando se referem à revolução russa, é a de que os bolcheviques em geral e Lênin em particular são agentes do governo alemão” (305). Esta associação parece até natural, visto que em 1917, além da revolução russa, a Europa está em plena guerra e os aliados (EUA, França e Inglaterra, e neste momento a Itália também) lutavam contra três impérios: dois decadentes, o Austro-Húngaro e o Turco-Otomano, e um poderoso, o alemão, que se encontrava em posição ofensiva de conquista territorial, o que o tornava principal inimigo dos aliados. Após a vitória dos bolcheviques a Rússia foi incorporada ao grupo dos inimigos.

Há, porém, outro elemento muito importante, precisamente o fato da imprensa local, baiana, ter assumido uma posição de alinhamento com estas agências internacionais sobre a

Rússia, utilizando muitas vezes a palavra traição para caracterizar a saída da Rússia da I Guerra Mundial. Uma notícia comenta com especial entusiasmo o surgimento de um suposto movimento contrarrevolucionário: “O povo russo, trabalhando por ideias de liberdade e de justiça, não poderia tolerar o grave crime de lesa-pátria, com que o maximalismo traidor, cedeu às imposições teutônicas, consagrando como fato irremediável - argumento de mera covardia – a infâmia da humilhante paz agora referendada” (A HORA, 27/03/1918). A importância de tal alinhamento deriva da estreita ligação entre os jornais da grande imprensa e os chefes das facções oligárquicas que controlavam o Estado em todas as suas funções. Em outras palavras significa dizer que a imprensa se comportava como meio de propaganda política, como órgão defensor dos interesses das classes conservadoras, em suma, não muito diferente da maior parte da imprensa (televisiva, de rádio ou escrita) atual, mas a parcialidade era ostensiva e escandalosa.

Ainda sobre a repercussão de março de 1917, três notícias podem ser destacadas, duas delas pela prematuridade com que a revolução foi associada à ideia de violência e criminalidade: “A marcha da ideia nova socialista não cessa nunca nas steppes geladas (...) E tamanho era esse ódio às classes dominantes, no sentido libertário da vingança dos radicalistas do socialismo moscovita que, certa feita, ao assassino do conde de Ignatieff, sendo perguntado qual era dogma de sua seita, respondera: ‘matar todos os homens do Estado’. Depois ao lhe ser inquirido sobre a polícia do czar, qual o nome Del, dissera, apenas: ‘veja o meu revólver’. Havia na arma indicada esta inscrição de morte aos tiranos: Partido Socialista Revolucionário” (O DEMOCRATA, 18/03/1917).

Outra, com sentido similar, acrescenta os termos capitalista e socialismo em confrontação, identificando as ideias socialistas como elemento responsável por crimes sociais:

Causou penosa impressão a divulgação do trágico acontecimento de anteontem, de que foi vítima o advogado e capitalista Dr. João Alfredo Conde. Um espírito de loucura, traduzido numa fria perversidade e no sentimento de ideias anárquicas, guiou a mão do criminoso, que procurou, que procurou esconder a hediondez do crime premeditado por traz da questão econômica que divide as sociedades européias e sustem o abominável socialismo, fundado no crime contra o direito de vida e de propriedade, assegurados por todos os direitos como condição de existência social” (JORNAL MODERNO, 16/06/1917).

Vale ressaltar que o teor contido nestas últimas fontes coletadas não foi encontrado em nenhum outro jornal de data anterior à Revolução Bolchevique.

O destaque da terceira notícia seria a sua condição emblemática daquilo que até então era produzido: “De apreensões sérias é o momento actual (...) Mas para cumulo do agravamento dessa situação anormalissima, que enche de preocupações a todos os espíritos de responsabilidade, há, neste instante, no seio da nossa querida Pátria um trabalho que á surdina, se opera para um movimento de desarmonia entre as varias classes principalmente aquellas cujos interesses mais de pertos se podem chocar no campo das relações econômicas, ao influxo de idéias de um largo e desenvolto socialismo, e sob o proposito da defeza dos fracos contra os fortes, dos pobres contra os ricos (...) As autoridades e representantes das classes conservadoras aconselharemos a maior prudência e todo cuidado (...), para que, pelo amor deste torrão não se prestem ás manobras exploradoras dos que pretendam ou possam querer perturbar a harmonia e a tranqüilidade da família baiana” (A CIDADE, 18/07/1917).

Na verdade, o trecho acima faz parte de um artigo, espécie de editorial do jornal, embora este termo não seja utilizado na época, e expressa como um editorial, a linha adotada pelo jornal. Este mesmo jornal ao tecer comentários a respeito da famosa greve de São Paulo de 1917, aponta um movimento que opera para a “desarmonia entre as classes”: “Em São Paulo, surgiram com a última greve, os efeitos desse trabalho a que nos referimos, e informações que chegam dalli dizem que o mais intenso esforço dos insufladores desse movimento se volta agora para as outras capitães dentre ellas visando-se a nossa pacata cidade do Salvador”.

Este artigo é emblemático porque será dessa forma que, na Bahia, será traçado o primeiro esboço de um discurso anticomunista. É através da repetição sistemática de que as ideias socialistas promovem a desordem e a desarmonia entre as classes que os setores conservadores vão dar início à construção da ideologia anticomunista. Lembrando que as notícias O Democrata, 18/03 e Jornal Moderno, 16/07 podem ser encaradas como fatos isolados, visto que nada parecido fora noticiado em outros jornais até a Revolução Bolchevique.

Outro dado importante que pode ser inferido do artigo de A Cidade, 18/07/1917, é a visão do jornal sobre Salvador como cidade “pacata e ordeira”. Estes adjetivos não servem para qualificar a Salvador do passado – pelas inúmeras rebeliões escravas de que foi cenário e pelas diversas manifestações grevistas que enfrentou a partir de 1889 até 1917. Contudo, não se pode negar que comparada a outras regiões do país, especificamente São Paulo e Rio de

Janeiro, o período de agitação na Bahia foi relativamente tardio. Mas como alertaram Aldrin Castellucci e José Raimundo Fontes o caminho para estudar os movimentos grevistas baianos não deve ser este, e sim o de procurar entender na própria história política, socioeconômica do Estado as razões que levaram ao seu maior dinamismo. A comparação vai ser feita no sentido de que as greves do sudeste impulsionaram o surgimento do discurso anticomunista. Quer dizer, é sobre repercussão dos acontecimentos na Rússia e as paredes em São Paulo e Rio de Janeiro principalmente, que foi se edificando um discurso contrário aos “comunistas”, por isso o artigo fala em prudência, em cuidado, pois estas ideias podem chegar à Bahia.

A palavra “chegar” também é equivocada, Fontes (1982) afirma: “Desde 1902 que as ideias socialistas *voltaram* a ser divulgadas nos meios proletários do Estado com a fundação da Federação Socialista Baiana, que agregava várias entidades de caráter sindical”. No entanto, ele acrescenta: “A conjuntura de ascenso das lutas operárias no Brasil e no mundo, iniciada em 1917, atingirá a Bahia no ano de 1919, impulsionando vertiginosamente o proletário regional” (Idem).

A construção do imaginário anticomunista e o avanço das lutas dos trabalhadores baianos

A greve geral de 1919, segundo seus estudiosos, foi a mais importante dentre todas as manifestações grevistas realizadas pelo operariado baiano. Tendo o Sindicato dos Pedreiros e Carpinteiros e Demais Classes como polo aglutinador e motivador da paralisação geral dos serviços da cidade. A sua importância vem do fato de que quando ela ocorre percebe-se uma inflexão da postura dos trabalhadores diante da defesa de seus interesses, isto é, de uma posição defensiva – em que lutava para se fazer cumprir as conquistas já existentes – passou a assumir uma posição ofensiva – apresentando novas reivindicações e defendendo objetivos comuns. Nas palavras de Castellucci a greve geral de 1919 “legou para o operariado (ou parte dele) um novo padrão de comportamento político frente às necessidades imediatas” (CASTELLUCCI, 2002).

O novo comportamento acabou por despertar a ira das elites baianas, que não só encorpou o seu discurso como transformou o governador Antônio Moniz em alvo de chacotas. O Jornal A Hora de 27/07/1919, no mês posterior à greve publicou uma charge em que o governador aparece em pé com uma das mãos segurando uma cabeça e a outra aparece

manchada de sangue, ao redor dele o chão está repleto de corpos e na parte inferior do desenho encontra-se a fala do Sr. Moniz:

Hei de vingarme de tais “burgueses”. Não sou maximalista, mas sou maximaluco... e é a ferro e fogo que farei a gloria do meu governo. Viva Lênin e meu amigo Agripino!”. Um mês depois, outra charge apresenta o governador vestido com roupas russas e com o nome de Antoninoff e dizendo: “você não sabe que quer o sangue dos meus adversários?” (A HORA, 28/08/1918).

Este caso ilustra uma forma diferente de manifestação anticomunista, ao introduzir os termos que passaram a fazer parte dos noticiários quando da Revolução de Outubro de 1917, chegando a dizer, inclusive, que o senhor Moniz era o “Lênin caricato e desprezível, encarnação relíssima e vagabunda de ditador de fancaria” e sua administração causava a impressão “de que haja instalado no Estado da Bahia, com incrível silêncio dos baianos, o regime truculento e desatinado dos célebres *soviéts*” (A HORA, 08/02/1917).

Os trechos citados do ano de 1919 servem para elucidar a maneira como vai sendo formado o imaginário anticomunista, e ainda, servem para comprovar duas teses: a primeira, a Revolução bolchevique potencializa o discurso conservador, e a segunda, refere-se à constatação de que a sociedade baiana, ao tornar-se mais complexa, ou seja, a luta entre capital e trabalho, patrão e empregado vai tomando uma maior dimensão, o discurso anticomunista, paralelamente reforça-se. Na sequência dos acontecimentos de outubro na Rússia, as manchetes dos jornais ao se referirem ao governo lá instalado, noticiam “os excessos maximalistas”, “o regime do assassino na Rússia”, “o cannibalismo maximalista”, enfim, é assim que a revolução bolchevique é tratada nos jornais. Desta forma, as ideias socialistas serão acompanhadas de novas expressões pejorativas e difamatórias.

Além da caracterização do socialismo como elemento responsável pela desordem e desarmonia, houve também a tentativa de definir as ideias socialistas/anarquistas (palavras sinônimas na época) como “coisa de estrangeiro”, “arruaceiros que tangidos da Europa vem encher as algibeiras para, de volta, rirem abertamente da ingenuidade brasileira” (O IMPARCIAL, 27/11/1918), terminando por explicar da seguinte maneira:

Compreende-se a organização operaria defensiva e combativa na Europa, onde a luta entre o capital e o trabalho se fundamenta em razões muito para respeitar e ponderar. No Brasil, porém, onde os salários são relativamente compensadores; e essa antinomia fatal não existe entre patrões e proletários,

no Brasil onde uns e outros são amigos, (...) esses exploradores, mascarados de socialistas, anarchistas ou reformadores devem ser expulsos pelos próprios a que elles, matreiros e sagases, instruidos na arte de embair o proletariado com suas labias, e seus ardis, dizem defender e salvar de um perigo inexistente (O IMPARCIAL, 27/11/1918).

O caráter exógeno das ideias, aliada ao ecumenismo da Revolução Russa, contribuiu para a formulação de ideais apologéticos do trabalhador nacional, do Brasil, antes “ordeiro”, mas que se vê então invadido por “idéias estrangeiras e perniciosas”. Por isso, os jornais – representantes dos setores oligárquicos – afirmam:

Os elementos corrosivos e tarados que a Europa decadente e corroída de males sociais tem enviado, de envolva com os bons contingentes imigratórios ao nosso país insinuando-se entre os grupos de trabalhadores brasileiros, intrometendo-se no meio operário das primeiras cidades do Brasil aproveitam-se da relativa ingenuidade dos artífices nacionais para incutir neles o ódio ao capital, a má vontade aos empresários, a irritação permanente contra os patrões e contra os grandes diretores da indústria (...). Se os nossos operários estivessem preparados para ver, discernir e entender os fenômenos sociais que dizem respeito às condições do trabalho brasileiro, seriam eles os primeiros no repelir e correr os pregadores da anarquia, os amotinadores que se encobrem com o interesse da classe e a pode reduzir, se escutados fossem, à mais terrível miséria. (JORNAL MODERNO, 17/07/1917).

Entretanto, após o período que se abre com a greve geral de 1919, de radicalização da organização dos trabalhadores, até 1921 quando ocorre um dissenso nas ações do movimento operário baiano, segue-se as lamúrias das classes dirigentes pelas transformações que se fizeram sentir no seio do proletariado, como esta “o caos russo trouxe para alma operária de todos os povos da terra o mal de a tentar subverter, mergulhando-a na mesma treva sem lumes em que se debate a alma eslava” (A HORA, 12/11/1920). Nota-se que houve uma mudança no discurso, de trabalhadores ingênuos e ordeiros passaram a ser encarados como pessoas entregues ao mesmo mal: a anarquia.

No percurso da construção de um imaginário anticomunista na Bahia, vê-se a publicação de artigos que também foram exibidos na Europa, tencionando com isso, dar respaldo ao discurso anticomunista feito aqui, como este que defende a perseguição aos adeptos do regime russo:

Quer um mundo efficazmente impedir os horrores que se passam na Rússia e precaver-se elle próprio de futuro contra hospedes tão perigosos? Só tem um único meio: uma declaração formal dos Estados Alliados e neutros, assentando que os individuos que hoje estão senhores do poder na Rússia não são reconhecidos como formando um partido político; accentuando que todos os crimes Poe elles praticados pessoalmente e pelos seus adeptos, sob sua instigação, são considerados como crimes de direito commum; que o direito de asylo lhes não é reconhecido e que as suas victimas poderão perseguil-os nos tribunais de todos os paizes, e que ao futuro governo russo será reservada a possibilidade de pedir a sua extradição pelos crimes commetidos contra o Estado. (O IMPARCIAL, 07/01/1919).

A perseguição não tardou a surgir na Bahia. Se a polícia suspeitasse que um “indesejável” estava por desembarcar no estado, ele não poderia, pois assim evitaria o “contágio”:

... toda a vez, pois que se fecharem as entradas no paiz aos elementos de contagio dos males temidos, se nos estarão evitando os soffrimentos de que tanto está a padecer o velho mundo. Nessa defeza contra o communismo, o maximalismo, o anarchismo, é as polícias dos portos que cabem postos de vanguarda e responsabilidades de comando (O IMPARCIAL, 01/11/1919).

Constatou-se com a leitura do jornal O Imparcial que a caracterização dos comunistas como anticristãos data dos anos 20. No dia 04 de agosto de 1920 este periódico publicou em letras garrafais a seguinte manchete: “É o socialismo o maior inimigo da doutrina cristã”. A notícia, enviada de Roma, informa sobre a publicação do *Motus Proprio* do papa Bento XV no *Observatore Romano*, onde além desta definição acrescentou “os perigos e danos muito peores que os da guerra de que o mundo está ameaçado por efeito de doutrinas que levam os homens a conquistarem somente os bens materiais e lançam as classes sociais umas contra as outras”.

A partir daí os socialistas foram taxados de anticristãos e mais, de iconoclastas como foi no artigo denominado “Os bolcheviques tem os seus deuses”, onde está escrito “cultuam os bolchevistas individualidades superiores, cuja honra erguem estatuas e columnas. São os ídolos sagrados do bolchevismo destruidor e avassalante a quem elles denominam precursores e paes do bochevismo. Roberto Owen (...), Fernando Lassalle, Beethoven, Henrique Heine, Augusto Blanqui, Sophia Perovskaia ‘são, hoje, imagens sagradas para os bochevistas iconoclastas” (O IMPARCIAL, 25/02/1921).

Expostas as fontes mais significativas, isto é, aquelas que sintetizam o que estava sendo produzido acerca do objeto desta pesquisa, faz-se necessário comentar sobre uma última coisa que pode ser observada com o exame dos periódicos baianos entre os anos de 1917 e 1924: a tentativa dos grupos dominantes no estado em teorizar sobre o socialismo.

Foram inúmeros os artigos encontrados que tinham como principal objetivo explicar para os leitores o que é anarquia ou socialismo, como este que se segue:

Que é a anarquia? É a desordem, é o regimen da insegurança, é o bolshevikismo, é a sublevação de todos os maos intintos é o crime erigido em virtude, é o escoiraçamento da liberdade, a barricada nas ruas, o sossôbro do direito, a violação dos lares, os sacrificios do pudor, a vasão de todas as energias de um povo até o completo e absoluto aniquilamento. A anarquia é isto! A miséria, a infâmia do cahos russo, com seus Lenine, brotados da esterqueira das ruas para afogar em sangue um povo e transformar em propriedade publica a honra das mães e a pulchridade das virgens! (O IMPARCIAL, 11/03/1919).

Houve, também, dois momentos decisivos para que o discurso anticomunista se fortalecesse, a Revolução de Outubro de 1917 e as transformações operadas no movimento operário que, em grande parte se deve à influência dos ideais “maximalistas” da Rússia. Embora, a semente da ideologia anticomunista tenha sido brotada antes mesmo da radicalização das organizações operárias, ela foi regada pelas greves no sudeste do país.

É importante atentar para o fato dos jornais exporem as opiniões das classes conservadoras, inclusive ao que diz respeito à visão que apresentavam do socialismo e dos socialistas, e ainda, ao trabalho pedagógico feito por estes jornais, no sentido de que a informação transmitida por eles tinha um objetivo muito claro de preservação dos privilégios que a abolição da escravatura e a proclamação da república não foram capazes de erradicar.

Conclusão

A pesquisa revelou uma visão estreita por parte das elites acerca das ideologias que circundavam o meio operário brasileiro. As primeiras referências encontradas dizem respeito à Revolução Russa. Entretanto os jornais não mostram claramente qual o significado dos acontecimentos na Rússia, apesar de acompanhá-los constantemente. Isto se deve em parte à retransmissão de informações que eram recebidas pelos jornais do Rio de Janeiro e repassadas para todo o país.

Um dos traços da compreensão social das situações de conflito ocorridos na Bahia é a designação detectada várias vezes de anarquista para aqueles que se envolviam em motins. Isto pode nos mostrar duas coisas: a primeira é relativa a condenação moral daqueles que estavam envolvidos em greves ou outras modalidades de reivindicação, o que causaria grande consternação na sociedade ciente do termo anarquista admitido como desordeiro, perturbador da tranquilidade. A segunda é uma decorrência da primeira. Se aceitarmos esta acepção, estaremos evidenciando que o chamado “anarquista” poderia ser qualquer um que contestasse o *status quo*. Portanto eram considerados socialistas, comunistas ou adeptos de outras ideologias, decorrendo uma desnaturalização das diferentes facções e, conseqüentemente, as poucas pessoas que liam jornal estariam contra todos, porque, afinal eram anarquistas.

Em relação ao comunismo, o termo não aparece no período pesquisado, mas a expressão “maximalismo” já se encontrava num discurso pró-Ruy Barbosa na campanha presidencial de 1919. Neste caso específico verificou-se uma associação de Ruy Barbosa à ordem, ao progresso, enquanto o inverso disso seria o maximalismo, condenando aqueles que apoiam as propostas da Revolução Russa.

Por fim, a investigação produziu a constatação de que as classes dominantes baianas faziam parte do exceto grupo que Hobsbawm definiu como empedernidos reacionários tradicionalistas.

Referências

Bahia de Todos os Fatos: Cenas da Vida republicana (1889/1991). Salvador, Assembléia Legislativa, 1997 (pp 103-166).

BANDEIRA, Moniz e MELLO, Clóvis. **O Ano Vermelho – A Revolução Russa e Seus Reflexos no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CARONE, Edgard. **O P.C.B. – 1922 a 1943.** São Paulo: DIFEL, 1982.

CASTELLUCCI, Aldrin. **Salvador dos Operários: uma história da greve geral de 1919 na Bahia** (Dissertação de Mestrado). Salvador: FFCH/UFBA, 2002.

CHAVES NETO, Elias. **Minha Vida e as Lutas de Meu Tempo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro – conflito e integração.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

DULLES, John Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ESPIÑEIRA, Maria Victória. **O Partido, a Igreja, e o Estado nas Associações de Bairros**, Salvador, EDUFBA-Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1997, pp. 43-63.

FEIJÓ, Martin Cezar. **A Formação Política de Astrojildo Pereira**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

FERREIRA, Muniz. “A História Política da Esquerda Baiana: Uma História em Construção”. **POLITÉIA**, Vitória da Conquista, vol. 4, n.1 (2004), pp.159-181.

FONTES, José Raimundo. **Manifestações Operárias na Bahia: Movimento Grevista, 1888-1930** (dissertação de Mestrado). Salvador, FFCH/UFBA, 1982.

FREITAS, Mirian T. M. G. de. **Populismo e carestia: 1951-1954**. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 1985

GOMES, Ângela de Castro (coordenadora). **Velhos Militantes** (depoimentos). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HOBBSAWN, E. **Era dos Extremos – o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KONDER, Leandro. **A Derrota da Dialética**. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. São Paulo, E. Unicamp/REVAN, 1998.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____. **Construindo o PCB (1922-1924)**. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas, 1980.

QUADROS, Consuelo Novaes Soares. **Os Partidos Políticos na Bahia na Primeira República** (Dissertação de Mestrado), Salvador: FFCH/UFBA, 1973.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e Representação: O Legislativo Baiano na Segunda República (1930-1937)**. Salvador, Assembléia Legislativa da Bahia, 1992.

SERRA, Sônia. **O Momento: história de um jornal militante**. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 1987.

SILVA, Carla Lucia. **Onda Vermelha – Imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VAZQUEZ, Petilda Serva. **Intervalo democrático e sindicalismo – Bahia 1942-1947**. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 1986.

ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)**. São Paulo, Vértice, 1988.

FONTES

A Tarde (1917, 1918), *Cidade* (1917), *Diário da Bahia* (1918, 1919), *Jornal Moderno* (1917), *Jornal de Notícias* (1917-1921), *O Imparcial* (1918-191).

Sobre o autor

Muniz Gonçalves Ferreira é Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, Docente de História Moderna e Contemporânea. Pesquisador da História do Brasil Contemporâneo (século XX) e analista das relações internacionais (séculos XIX e XX). Estudioso do marxismo clássico e dos movimentos sócio políticos inspirados na tradição marxista. Investigador da História das formações de extrema-direita no Brasil e no mundo. Atualmente é professor associado de História Contemporânea e Relações Internacionais do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.